



UM INFINITO PARA DESCANSAR¹ – A POESIA DE INEZ ANDRADE PAES

AN INFINITE TO REST - THE POETRY OF INEZ ANDRADE PAES

UN INFINITO PARA DESCANSAR - LA POESÍA DE INEZ ANDRADE PAES

Lais Naufel Fayer Cerri²

RESUMO:

O objetivo deste artigo é, por meio da análise de poemas de Inez Andrade Paes, apresentar, brevemente, a autora e sua obra, a fim de despertar, entre os leitores desta revista, o interesse pela leitura e pela pesquisa dessa autora contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Inez Andrade Paes, poesia contemporânea, Moçambique.

ABSTRACT:

The purpose of this article is, through the analysis of poems by Inez Andrade Paes, to briefly present the author and her work, in order to awaken, among the readers of this magazine, the interest in reading and researching this contemporary author.

KEYWORDS: *Inez Andrade Paes, contemporary poetry, Mozambique.*

RESUMEN:

El objetivo de este artículo es, a través del análisis de poemas de Inez Andrade Paes, presentar brevemente a la autora y su obra, a fin de despertar, entre los lectores de esta revista, el interés por la lectura y por la investigación de esta autora contemporánea.

PALAVRAS CLAVE: *Inez Andrade Paes, poesia contemporânea, Moçambique.*

1 Verso original: “O infinito de que me obrigo para descansar” (PAES, 2011, p. 35).

2 Professora efetiva do colégio Pedro II. Mestra em Literaturas Portuguesa e Africanas pela UFRJ.



É preciso ter mãos abertas ao sol

(PAES, 2011, p. 64)

Ninguém sabe que na leitura revivemos nossas tentações de ser poeta. Todo leitor um pouco apaixonado pela leitura alimenta e recalca, pela leitura, um desejo de ser escritor.

(BACHELARD, 1988, p. 10)

Inez nasceu em Pemba, Moçambique, e sua escrita é quase toda voltada para este espaço. Mesmo quando a autora não o nomeia, é possível saber que está a falar de Moçambique pelo sentimento de que é feito cada verso, pela musicalidade que emana das palavras, pela sintaxe madura de quem observa cuidadosamente cada detalhe de sua composição e pela proximidade íntima com a natureza. Inez é filha de Glória de Sant’Anna, poeta que nasceu em Portugal, mas compôs toda sua obra mais conhecida em Moçambique.

Além de escritora, Inez desenvolve atividades na área da pintura, da ilustração e da fotografia e coordena, desde 2012, o Prêmio Glória de Sant’Anna, cujo objetivo é divulgar a poesia lusófona contemporânea. Inez é, portanto, uma figura interessante não só pela qualidade de seus textos e pinturas, mas também pela iniciativa de valorizar novos poetas, resistindo na e pela poesia.

Após esta sucinta apresentação, passemos, portanto, à reflexão sobre a obra, que contempla um total de sete livros até agora. Devido à brevidade desse artigo, nossa intenção é tentar propor uma análise de dois poemas, a fim de motivar novos estudos e leituras sobre a autora.

Estudar poesia, se é que é possível usar uma palavra tão racional para algo tão subjetivo, é um ato de coragem. Numa leitura rasa, superficial, um livro de poemas é tão inofensivo quanto os animais ferozes de um zoológico. Contempla-se a beleza do animal/objeto e, em poucos segundos, dirige-se à próxima jaula, ao próximo rápido espetáculo da natureza artificializada para nos proteger.

Entretanto, a natureza do animal é ser livre, voraz, nisso também consiste sua beleza. O animal selvagem solto violenta, agride, ataca o sujeito desprotegido e desavisado. Assim como o animal só é belo a uma distância segura, a poesia também deve ser contemplada apenas, de longe, de fora, de cima, numa rápida troca de páginas, porque ela também devora.

A poesia desestabiliza, desorganiza, inquieta, abala, desassossega. Nas palavras de Alberto Pucheu:

A poesia é uma serva das intensidades de vida, tornando-se, assim, um caminho vital intensivo. E progressivo. A poesia é um caminho vital intensivo e progressivo de vida. Um dos caminhos, um caminho privilegiado. Por esse caminho, chega-se a vida, não como uma última paragem, estanque, a ser atingida, mas como o que já está, desde sempre, presente, em movimento, mas não conseguimos, habitualmente, vivenciar, não nos tornamos aptos a, cotidianamente, atualizar sua potência implícita na superfície explícita de nosso corpo rotineiro. Criando, no nosso, outros corpos, a poesia torna possível vivenciar vida, e, tornando vida vivível, a poesia torna vida real. (PUCHEU, 2007, p. 219)

A poesia torna vida real porque, tirando o indivíduo de suas mesmices, coloca-o em contato com seu interior, aquele eu mais complexo que ele tanto desconsidera. Ela o faz mergulhar em seu próprio infinito para, assim, torná-lo quem ele é. A poesia e a literatura de forma geral trazem à tona fraquezas, medos, receios, descobertas.

Mas nem todos estão prontos para esse contato tão direto com a vida. Há quem prefira a segurança da jaula fechada, da beleza da ilusão, do livro fácil, da página rapidamente virada, mal lida.

Roland Barthes, no conhecido texto *Aula*, diz que a língua é fascista, na medida em que “o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” (BARTHES, 2002, p. 432). Ela apresenta, ao mesmo tempo em que impõe, suas possibilidades ao falante, num vínculo intrínseco com o poder. Para Barthes, é preciso, portanto, trapacear a língua, trapacear com a língua, e o único meio para se conseguir isso é a literatura, pois ela subverte tal relação de poder: “(...) Poesia = prática da sutileza em um mundo bárbaro. Daí, a necessidade, hoje, de se lutar pela Poesia: a Poesia deveria fazer parte dos ‘Direitos do Homem’, ela não é ‘decadente’, ela é subversiva: subversiva e vital.” (BARTHES, 2003, p. 82)

Sendo assim, não só é corajoso aquele que estuda a poesia/literatura, mas também o é aquele que a faz. Em *O prazer do texto*, Barthes afirma que o texto deve dar provas ao leitor de que deseja ser lido, estabelecendo uma relação erótica entre ele e quem o ler.

Sem perceber, seduzido pelo texto literário, o leitor abre a jaula, não para soltar a fera – poesia, mas para ali dentro ficar ao seu lado, ao lado da vida que, pouco a pouco, palavra por palavra, verso a verso, irá devorando suas certezas a tal ponto que ele, perdido e sozinho, encontrar-se-á com quem nunca soube que foi.

A obra de Inez Andrade Paes, poeta supracitada, já seduz o leitor pelos títulos dos livros, a saber: *O mar que toca em ti*; *Paredes abertas ao céu*; *Da estrada vermelha*; *Da eterna vontade*; *À margem de todos os rostos*; *Sobre a água dentro dela anda uma ponte*, publicados entre 2006 e 2018.

Sobressaltado diante das imagens que intempestivamente lhe foram apresentadas, o leitor, sem chance de voltar àquela vida costumeira, com suas dores e delícias, abre um dos livros de Inez e se depara com algo assim:

É preciso
ter mãos abertas ao sol

a imagem não se coordena com o gesto
quando as raízes do pensamento andam perto
tocam no imaginário aberto
ainda a noite deixou traços daquele deserto absoluto
em que corro a amparar o corpo
depois do vento erguer dunas

ao longe
lagos parados
quando a brisa se move lenta
a passar à superfície

a imagem não se coordena com o gesto
dois dedos se movem
mas
o vento os empurra e só no outro momento
os escuto o torpor

dois dedos
como duas colunas erguidas
a um céu aberto cheio de pássaros a voar para o sul

creio ser um sonho
quando os personagens pairam ao meu lado
e os olho como conhecidos
e de braço dado até nos aturamos
porque a imagem não se coordena com o gesto
e tu
e ele
e eu
somos três num deserto

somos três a andar no caminho certo

olham-me os outros de soslaio
a pensar na loucura adormecida
em que os três pássaros alados
se identificam com a vida

corro a ti meu corpo desamparado
entre o gesto largo e a imagem única
a que me apego e quase largo
para te sentir a ti outro
mais perto desta vida

(PAES, 2011, p. 64)

Embora o texto literário fale por si mesmo, sem que seja preciso recorrer a informações bibliográficas do autor para entendê-lo, há alguns detalhes sobre Inez Andrade Paes que, se conhecidos (reiterados, neste caso), permitem uma maior fruição da obra.

Inez é filha de Glória de Sant’Anna³, portuguesa de nascimento, mas moçambicana de poesia e afeto. O diálogo com a mãe não se faz apenas nas referências diretas, mas, sobretudo, em detalhes, como imagens e termos cuidadosamente escolhidos pela poeta. Em *Paredes abertas ao céu*, livro em que descansa o poema citado, há uma dedicatória aos Pais da autora, com letra maiúscula, e a todas as pessoas que vivem com a solidão.

O fazer literário é tão solitário quanto a leitura da obra, porém é exatamente no ato da leitura que leitor e poeta se encontram no fingimento das dores na poesia. Ao dedicar o livro às pessoas que vivem com a solidão, a autora lhes oferece uma voz poética igualmente solitária como companhia.

Após, lê-se um prefácio de Fernanda Angius, no qual a autora explica que o livro é uma homenagem de Inez aos pais, aponta a relação com Moçambique, fala de memórias e saudades que aparecerão como temas de vários poemas.

Tento em vista tais informações, passemos para a análise do texto.

O poema se inicia com uma afirmativa extremamente lírica: “é preciso/ ter mãos abertas ao sol”. Diz o eu lírico que imagem e ação não se conectam quando a origem do pensamento toca a imaginação. Em seguida, uma imagem onírica é apresentada: um deserto irrestrito, o

3 Glória de Sant’Anna é conhecida poeta moçambicana, nascida em Portugal.

sujeito poético correndo para proteger o corpo, depois de um vento erguer dunas, de um lago parado e uma brisa lenta.

Neste início já é possível perceber a importância que os elementos da natureza representam no poema. Mãos abertas ao “sol”, “raízes” do pensamento, “a noite” deixou traços e o “vento” que ergue dunas são os exemplos possíveis nesta primeira estrofe.

O vocábulo “dunas” aparece posicionado estrategicamente abaixo de “corpo”. É possível perceber, não só neste trecho, mas também em diversas outras partes do poema que natureza e eu lírico são indissociáveis, e essa é uma das características da poesia de Inez – uma enorme identificação com e necessidade dos elementos da natureza.

A imagem que não se coordena com os gestos mostra dois dedos, duas dunas, feitas, desfeitas e refeitas pelos ventos. Entre “os escuto” e “o torpor”, há um espaço, uma pausa, como a indicar o silêncio ouvido, o torpor, a indiferença das dunas, a paralisia, como duas colunas erguidas a um céu aberto. “Creio ser um sonho”, diz o eu lírico, e então entendemos o porquê de imagem e gesto não se interligarem.

O espaço do poema é como espaço do sonho, pois a poesia não obedece a uma lógica cartesiana, mas, sim, a uma lógica afetiva, à lógica da sensibilidade e da delicadeza, do “imaginário aberto”.

A memória traz ao poema personagens (tu, ele, eu) que se sustentam de braço dado em meio à imagem distorcida, os três no deserto a andar. Embora nada seja nítido, o caminho é “certo”.

Os três seres humanos no deserto, na poética do devaneio, tornam-se pássaros alados. Sol, céu, vento, deserto, pássaros, símbolos de movimento, amplitude e liberdade. Tudo cabe no imaginário, no sonho, na poesia.

A última estrofe retoma a primeira atualizando-a: “em que corro a amparar meu corpo”; “corro a ti meu corpo desamparado”. Ainda que a imagem de um corpo correndo permaneça, o gesto é outro. No primeiro verso, a ação é a de um corpo em movimento a se proteger num deserto absoluto. No segundo, um corpo corre desprotegido, desamparado, em direção a outro, num gesto largo, numa imagem única, nítida, à qual o eu lírico se apegava para sentir o outro mais próximo, palpável, perto desta vida.

Por meio do sonho, o eu lírico recupera lembranças de duas pessoas amadas (pelo prefácio citado, podemos inferir que se trata dos pais da autora/eu lírico, neste caso) e as recria de modo poético, a fim de reencontrá-las, ainda que pela imaginação, a imagem única da memória, por meio de gestos longos, largos que, de alguma forma, tragam essas pessoas para a vida novamente.

Nesse poema, a ausência da pontuação acentua o ritmo acelerado da corrida e do pensamento, a confusão entre imagem e gesto. As palavras deslocadas marcam espaços simbólicos, como a separação entre “erguer” e “dunas”, que pode sugerir o deslocamento do vento e a lacuna entre “os escuto” e “o torpor”, já comentada.

O eu lírico dos poemas de Inez é todo corpo aberto ao sol, ao mar, ao ar, à natureza. É corpo que, pela poesia, pela imaginação, pelo devaneio, voa com pássaros, corre desertos, é todo movimento percorrendo silêncios e sons de Moçambique, é Travessia.

ONDE

quero encontrar umas balsas onde me sente
em cada uma delas um passo para a salvação
umas balsas de pedra que boiem encobertas
por névoas de tecidos leves que nos equilibrem
transparentes

quero encontrar umas balsas onde me deite
e olhe o céu estrelado a adivinhar o sol do dia seguinte
e a coruja-branca me leve a indicar o infinito
de que me obrigo
para descansar (PAES, 2011, p. 35)

No poema, o lugar a que o eu lírico deseja chegar é a poesia. Ele cria uma imagem poética que só pode existir dentro da imaginação, a de balsas de pedra boiando sob névoas de tecido leves. A contradição criada proporciona o equilíbrio e a transparência. O devaneio é necessário, é onde o poema acontece, é onde o equilíbrio pode acontecer.

A imagem seguinte, embora aparentemente mais provável dentro da realidade, caminha para o devaneio, na medida em que termina com uma coruja a indicar o infinito do qual o eu lírico se obriga (mas também se abriga) para descansar. O último verso, que representa a finalidade da procura, aparece finalizando o poema, iniciando o descanso.

O infinito é o espaço em que o devaneio acontece, é onde o equilíbrio entre o ineqüilibrável se dá, é onde o eu lírico encontra o abrigo ao descanso necessário, o infinito é poético, é a própria poesia porque inalcançável, espaço de balsas de pedra flutuantes sob névoas, observado por corujas, símbolos de sabedoria.

Para Gaston Bachelard,

A poesia constitui ao mesmo tempo o sonhador e seu mundo. Enquanto o sonho noturno pode desorganizar uma alma (...), o bom devaneio ajuda verdadeiramente a alma a gozar do seu repouso. (...) O devaneio poetiza o sonhador. (BACHELARD, 1988, p. 16)

Ler os poemas de Inez é também encontrar infinitos para descansar. Em meio ao caos do dia a dia, a poesia é o tecido leve que abriga devaneio, obrigatório em tempos sempre bárbaros.

Inez Andrade Paes, além de grande escritora, é uma entusiasta da poesia. Em 2012, junto aos familiares e ao Grupo de Acção Cultural de Válega (GAC), criou o prêmio Glória de Sant'Anna de poesia em língua portuguesa⁴. Além do prêmio, Inez divulga a poesia da mãe e de diversos poetas contemporâneos em *blogs* na internet e eventos locais de poesia.

Enquanto editoras evitam publicar poesia porque percebem que o público leitor, em geral, não a procura, enquanto projetos culturais e educacionais são deixados de lado por não interessarem aos poderosos, Inez surge no cenário da poesia lusófona como uma sobrevivente ao descaso que a poesia tem sofrido. Não só escreve como procura garantir espaços para que poemas, os seus e os dos outros, circulem.

Vivemos um “tempo de homens partidos (...), tempo de divisas”, como já nos dissera Drummond noutro contexto⁵, lutando por um espaço de paz e delicadeza em meio à tempestade de violência e desrespeito que vem feito furacão. Encontramos na literatura um intervalo no tempo, um abrigo, um infinito para descansar de tudo o que nos empobrece e afasta do que é humano. Descansados, fortes, saímos da leitura revigorados, prontos para um tempo de luta, de *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2009). Fazer e estudar poesia é um ato de resistência num mundo tão partido em vaidades, desprezos e desigualdades.

Nosso objetivo ao escrever esse artigo foi contribuir, de alguma forma, para a divulgação da obra da autora porque acreditamos que é preciso ler poemas, viver a poesia, sonhar, buscar infinitos.

4 https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9mio_liter%C3%A1rio_Gl%C3%B3ria_de_Sant%27Anna

5 ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de p. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. **Aula**.

_____. **O prazer do texto**.

PAES, Inez Andrade. *À margem de todos os rostos*. Coisas de ler: Vialonga, 2017.

_____. **Da estrada vermelha**. Edição do autor: Estarreja, 2015.

_____. **Da eterna vontade**. Labirinto: Fafe, 2015.

_____. **O mar que toca em ti**. Edição da autora: Estarreja, 2002.

_____. **Paredes abertas ao céu**. Edição da autora, 2011.

PUCHEU, Alberto. “Poesia, para que serve?”. In: **Pelo colorido, para além do cinzento**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.